



*E*NTREVISTA



A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE¹ FOI O MAIOR ACONTECIMENTO DO SÉCULO XX NO RIO GRANDE DO NORTE



ENTREVISTA² COM O PROFESSOR ONOFRE LOPES DA SILVA

Itamar de Souza

Sócio do Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte- IHG/RN
Natal, RN, Brasil.

ONOFRE LOPES DA SILVA filho de pequeno produtor rural, Onofre Lopes da Silva nasceu no povoado Comum, na época, pertencente ao município de São José de Mipibu. Aos doze anos, veio para Natal, onde trabalhava no comércio durante o dia e estudava à noite. Após esta vida dura de estudante pobre, fez vestibular para medicina na Faculdade do Recife. Terminado aí o terceiro ano, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de estudar e conviver com os melhores médicos da época. Formou-se em 1923. A necessidade de ajudar os pais e o amor ao Rio Grande do Norte determinaram sua volta à terra potiguar. Aqui, após alguns anos de labor profissional, dedicou-se à causa da Universidade tornando-se o seu fundador e primeiro Reitor durante mais de doze anos. Por isso, ao iniciar a série de depoimentos que a revista “Vivência” publicará, o Conselho Editorial resolveu ouvi-lo em primeiro lugar³. Conforme está configurado no seu depoimento, o Dr. Onofre Lopes da Silva representa o tipo do homem que,

¹ Universidade do Rio Grande do Norte (URN) 25 de junho de 1958. Federalizada (UFRN) em 21 de dezembro de 1960.

² ENTREVISTA – Onofre Lopes da Silva. (Entrevista realizada pelo Professor Itamar de Sousa, editor da revista “Vivência”, na sede da Academia Norte-rio-grandense [de Letras, em Natal/RN], no dia 14 de janeiro de 1982).

³ A dedicação à Universidade Federal e à Educação do Rio Grande do Norte, entre os grandes feitos do Professor Onofre Lopes da Silva, foram também os motivos da aprovação da transcrição desse depoimento, em homenagem ao seu centenário de nascimento (1907-2007), pelo Conselho Editorial da Revista da FARN. Agradecemos ao Conselho Editorial da revista “Vivência” e ao Diretor do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte –UFRN, Professor Dr. Márcio Moraes Valença, pela autorização para publicação na revista da FARN, dos depoimentos publicados em: Vivência - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, v.1, n.1, p.10 a 32, jan./jun.,1983.

impelido por um grande idealismo, venceu todos os obstáculos em proveito da comunidade norte-rio-grandense. Vejamos agora o depoimento que o Dr. Onofre Lopes prestou à revista "Vivência" no dia 14 de janeiro de 1982, na sede da Academia Norte-rio-grandense, colhido pelo Professor Itamar de Sousa, editor do referido periódico.

ESTUDANDO MEDICINA NO RECIFE E NO RIO DE JANEIRO

Professor Itamar: Dr. Onofre, onde o Sr. fez seu curso superior?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Fiz vestibular para medicina na Faculdade do Recife. No final do terceiro ano, resolvi transferir-me para o Rio de Janeiro, onde terminei os meus estudos médicos sem maiores dificuldades. Freqüentando aulas no Hospital São Francisco, na Misericórdia, na Camboa. Eram aulas em hospitais distantes uns dos outros; muitas vezes terminávamos uma aula e já estava na hora da outra. Vivía naquela luta, naquele corre-corre tremendo, mas aquilo era vitalizante para o espírito do povo. Quero chamar a atenção para as grandes figuras da medicina naquele tempo: Miguel Couto, Carlos Chagas, Heitor Carrilho. Essas figuras eram efetivamente excepcionais.

Professor Itamar: Dr. Onofre, o Sr. especializou-se em que?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Naquele tempo havia a especialidade, é verdade, mas havia também a preocupação do jovem médico ficar em condições de fazer o atendimento de clínica médica, clínica obstetrícia, clínica pediátrica, sobretudo isso. A parte cirúrgica, por exemplo, essa especialidade era um pouco difícil de se fazer. Os que apreciavam a cirurgia faziam uma abertura de abscesso, uma coisa boba, etc.... Então, o preparo naquele tempo era uma coisa de conhecimentos gerais, de medicina clínica de caráter geral e que uns precocemente iam se especializar.

Naquele tempo, uma estudante do primeiro e segundo ano de medicina freqüentava aulas de oftalmologia, obstetrícia, dermatologia, gastroenterologia, etc. Isso quer dizer, especialidades com muita precocidade, porque não tinha condições de se preparar para aquela especialidade. Ele devia contar com a base, com o respaldo geral de conhecimentos gerais de clínica para, então, ir fazer a sua especialização.

Bem, comigo aconteceu naquele tempo isso. Mas, eu comecei a me inte-

ressar pelas doenças nervosas no Hospital da Tamarineira, com Júlio Porto Carreiro, numa enfermagem de doenças nervosas. Depois, levado pela contingência especial, procurei dedicar-me mais à ginecologia e um pouco à cirurgia. Mas, afinal de contas, concluí o curso e estava com disposição para enfrentar o interior e sair das capitais. Logo aí Júlio Porto Carreiro e José Londres, que eram cirurgiões lá do hospital da Marinha, insistiram para que eu ficasse na Marinha. Eu não aceitei porque preferia seguir a vida civil. Então, quando eu estava decidido mesmo a enfrentar a vida até no interior do Rio Grande do Norte, o Diretor do hospital, Capitão Torres, me procurou lá no pavilhão dos estudantes em companhia de um cidadão. Ela disse: Este Sr. Veio aqui me procurar para que eu indicasse um médico, que ia se formar agora, que ele quer fazer um convite. Então, o homem passou a dizer: No Nordeste do Paraná, onde eu moro, existe uma região muito promissora, e lá nós acabamos de organizar um posto médico e queremos levar para lá um médico recém-formado, sem emprego, solteiro e que possa se integrar com a terra, que ele possa se casar por lá e fazer família. Então, o Diretor do hospital disse: indicaram o Sr. Porque o Sr. É trabalhador... Então, ele me disse: Nós pagamos um conto e quinhentos por mês. Um conto e quinhentos naquele tempo, por mês, era só coisa pra rico. Nós pagamos isso por mês, mas o Sr. cobra todo o trabalho que fizer, todas as consultas, todo tratamento, tudo quanto o Sr. fizer. Essa quantia serve apenas de base para o Sr. permanecer lá. Então eu respondi: Esse convite é muito tentador, eu gostaria muito de aceitar, mas acontece que eu sou do Nordeste, sou do Rio Grande do Norte e tenho pai e mãe velhos que precisam da minha presença, da minha assistência. A minha família é muito e eu sou o primeiro da família a se formar e eu preciso ajudar a todos. Eu preciso voltar e dar minha assistência. Então ele disse: O Sr. aceita, e todos os anos nós custeamos as suas férias.

Então respondi: Não é este o caso.

CONVIVÊNCIA COM JANUÁRIO CICCÒ

Professor Itamar: Que convivência o Sr. teve com Januário Cicco?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Januário sempre foi uma figura de destaque, aqui é preciso situar Januário no tempo. Ele formou-se em 1906. Em 1909, quando era Governador do Estado, Alberto Maranhão, o hospital que existia em Natal funcionava onde hoje é a Casa do Estudante. Chamava-se Hospital

da Caridade. Aquilo era um depósito de doentes daquele tempo. Doentes de todos os tipos iam para lá.

Januário fazia clínica, cirurgia, todo serviço de obstetrícia. E Januário atendia até os casos de odontologia era, portanto, um dentista nas horas de maior dificuldade. Ele fazia o laboratório: exame de laboratório, de urina, exame mais simples, ele era um homem que fazia de tudo. E tinha uma coisa: Januário lia muito, lia revistas médicas que vinham da França. Ele estava sempre a par dos progressos da medicina no mundo. Era um homem inteligente, vivo, impetuoso. Então, ele movimentou este hospital que tinha apenas 18 leitos, Hospital do Monte, hoje Hospital das Clínicas.

Neste hospital, Januário fez uma separação: Uma enfermaria para indigentes civis, uma enfermaria para militares. Naquele tempo como era: Tinha a Polícia, tinha a Escola de Marinheiros e tinha o Exército e essa gente não tinha o serviço médico, o serviço hospitalar e quando precisava de uma hospitalização era justamente aí no Hospital de Januário Cicco, que se fazia esta hospitalização do militar.

Então, Januário viu que não podia dar mais conta do serviço, porque estava tomando vulto cada dia maior e 1909 e 1914, 1915 por aí assim uns cinco ou seis anos, depois então, ele teve um auxiliar que foi Dr. Otávio Varela, que era seu amigo, um homem muito dedicado, não tinha aqueles arranjos de Januário, mas afinal de contas era um homem que efetivamente prestou uma grande ajuda a Januário Cicco.

Foi Otávio Varela quem iniciou a anestesia aqui entre nós, usando o clorofórmio. Ainda peguei Otávio Varela angustiado em uma anestesia. A anestesia quando se complicava um pouco, ele que era muito religioso rezava um terço pedindo misericórdia.

Esse hospital teve que ser ampliado. Aumentou o número de leitos, mas sempre vivendo com dificuldades. Era dificuldade burocrática, porque o hospital pertencia ao Estado e toda as vezes que precisa de material, roupa, sabão, etc., era uma grande dificuldade. Então em 1927 no Governo ainda de José Augusto, por proposta do próprio José Augusto, Januário criou uma sociedade: Sociedade de Assistência Hospitalar.

Natal não possuía maternidade. Ele resolveu construir uma casa para atender às mulheres pobres.

Este efetivamente foi um grande trabalho! Januário, com aquele seu espírito de grandiosidade, quis fazer uma maternidade grande, superior às necessidades de então. Tive oportunidade de conferir um episódio. Conheci um cidadão um tanto pilhérico. Ao fazer referência à Maternidade, quando ela já mostrava as

suas linhas arquitetônicas quando mostrava que era efetivamente um edifício de grandes proporções, esse homem dizia: Januário está doido! ... Quando é que Natal vai encher aquela maternidade?

Comecei a trabalhar no hospital. E Januário foi aumentando progressivamente as enfermarias, as salas de cirurgia e fomos, pouco a pouco, tomando mais contacto com ele, reconhecendo que era um velho espírito empreendedor.

Quando ele fez uma reforma substancial, isto é, quando o hospital já tinha passado do estado para a Sociedade de Assistência Hospitalar, para que a Sociedade o administrasse, sem aqueles obstáculos administrativos, burocráticos, então desde aquele tempo o hospital passou a ter um desenvolvimento muito maior. Começou a crescer e, então, vieram outros médicos, porque os serviços estavam aumentando. Vieram: Aderbal Figueiredo, Ernesto Fonseca, Adolfo Ramires, Dr. Ramalho, que exerceu o cargo de dentista durante muitos anos, Otávio Varela, João Tinoco, Raul Fernandes e outros. Nessa oportunidade, eu entrei também no hospital e passamos a fazer um grupo de médicos já com uma certa divisão em especialidades nos serviços médicos. Assim começamos a ter serviço de obstetrícia, dermatologia, hidroterapia, mas nesta altura, em 1927, chega aqui um par de médicos primoroso: Dr. José Tavares, cirurgião, e Dr. Luiz Antônio, clínico geral. Formaram-se juntos. Era efetivamente uma especialidade a cirurgia que se implantava aqui. José Tavares fazia exclusivamente cirurgia. As grandes operações se faziam aqui mesmo, não precisava ir para Recife, etc., pois José Tavares tinha aberto os caminhos para a sala de cirurgia bem categorizada.

Eu era assistente de Aderbal Figueiredo em Urologia e fazia alguma coisa em cirurgia, coisa pequena. Então, Aderbal ficou doente gravemente e eu assumo a chefia da cirurgia do hospital. Em consequência disto, fui obrigado a melhorar o meu padrão cirúrgico.

O falecimento de Januário Cicco foi uma perda terrível para o Rio Grande do Norte, para o meio médico, para a cultura em geral, para a assistência social, para a assistência médico-cirúrgica. Foi um verdadeiro abalo no nosso meio.

Era vice-presidente da Sociedade de Assistência Hospitalar, um outro médico, de maior projeção, um homem muito sério, o Dr. Ernesto Fonseca. Ele não quis de forma nenhuma assumir a presidência da Sociedade de Assistência Hospitalar, e então houve por parte dele, sobretudo, um movimento perante os demais colegas do hospital, para que eu assumisse. Eu era um dos mais moços naquele tempo e tive que resistir tanto quanto pude a essa tentativa de me colocar à frente dos destinos daquela Instituição. Mas afinal de contas, eu tive que ceder e enfrentar um problema grande, que era administrar o hospital, a maternida-

de e, sobretudo presidir aos médicos. Uns bem mais velhos do que eu, outros meus contemporâneos e outros mais moços. Isto significava uma tarefa mais ou menos grande. Entretanto estava contando com a ajuda, com a cooperação de todos os colegas, quaisquer que fossem suas idades, e isto efetivamente, ocorreu. Inicialmente não quis dar nenhuma feição nova à administração de Januário. Mesmo porque, essa administração vinha se fazendo muito com a minha cooperação. Mas, depois de um certo tempo, eu vi que era preciso movimentar as coisas. Então, uma das primeiras providências, foi criar o Centro de Estudos da Sociedade de Assistência Hospitalar.

Significa o centro em que os médicos do hospital e da maternidade ficariam com uma obrigação de estudar mais e apresentar casos, de apreciar os casos da medicina contemporânea do Brasil, como também dos países estrangeiros. Então, foi feita essa sociedade e é preciso que se faça um registro: Os médicos habituados a ter uma vida tranqüila, sem preocupações, resistiram. As primeiras sessões eram muito pouco freqüentadas. Mas eu insistia, chegava na hora das reuniões, ligava para uns e para outros apelando para que estivessem presente e distribuía tarefas, temas para estudos e determinava também os médicos que deveriam ser os debatedores. E isto foi um ponto de partida para que aquele Centro de Estudos se tornasse efetivamente uma colméia de atividades médico-cirúrgicas de uma certa importância, e, começamos a convidar médicos de fora do Rio Grande do Norte: da Paraíba, de Pernambuco, da Bahia, ou aqueles que vinham até mesmo do exterior, que chegavam até Recife que era o maior centro médico do Norte-Nordeste daquele tempo. Aqui eles davam cursos, demonstrações, aquilo que nós não estávamos habituados. Isto fez com que despertasse um certo interesse de fazermos aqui um congresso médico. Ovídio Montenegro, nosso conterrâneo, morava em Recife e, certa vez, me disse que poderia mobilizar um bom número de médicos de Recife para que participasse de um congresso que podíamos fazer aqui em Natal. E isto foi feito. Ele passou a se corresponder comigo e acertamos que podíamos fazer uma semana de estudos médico-cirúrgicos, tendo por sede o Hospital e a Maternidade.

1955: A SEMANA DE ESTUDOS MÉDICO-CIRÚRGICOS

Então, esta semana de estudo médico-cirúrgico se instalou e o hospital que era justamente um centro dinâmico dessas atividades passou a ser uma colméia nunca vista aqui no Rio Grande do Norte. Nós médicos, sobretudo os de Pernambuco, velhos, moços, juntos com os da terra fazíamos um grupo atuante, ativo, trepidante, cheio de animação, de alegria. Todos cheios de

entusiasmo, de otimismo e de encorajamento. Então, nessa oportunidade, Francisco Montenegro, que era o professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife e que tinha sido meu colega de turma, disse: Onofre, você trate de fazer aqui a faculdade de medicina, porque vocês têm espaço e ânimo bastante para enfrentar um problema desses. Aqui já comporta uma faculdade de medicina, porque isto aqui será um ponto de partida para implantação de um meio médico de outra projeção, um meio médico respeitável, que esteja em harmonia com o desenvolvimento da medicina brasileira. Então, eu que não tinha juízo, achei que a idéia seria válida e imediatamente expus a idéia de instalar a faculdade de medicina.

Como é que eu iria arranjar professores para a faculdade de medicina? Como eu iria arranjar recursos para a instalação dos laboratórios? Como é que eu iria dar equipamentos bastantes para aquelas enfermarias, para que aquilo se tornasse efetivamente um centro de ensino?

Mas, afinal de contas, não fui pesar e nem tinha idéia de pesar estas dificuldades.

Então, eu reuni o Conselho Diretor e expus a idéia de se criar uma Faculdade de Medicina e eu estava disposto a enfrentar todas as dificuldades. O resultado é que a idéia foi aprovada por unanimidade e delegada a mim a incumbência de fazer funcionar a Faculdade de Medicina. Pedi que guardássemos sigilo, daquela resolução, porque só queria anunciá-la no encerramento da Semana de Estudos médico-cirúrgicos.

No encerramento do curso, foi oferecido um banquete aos convidados no restaurante Rampa.

Então, na ocasião deste banquete, quando tive que falar, anunciei que a Sociedade de Assistência Hospitalar, em data de 29 de janeiro daquele ano, 1955, tinha resolvido criar a Faculdade de Medicina e delegar ao seu presidente, toda a responsabilidade, toda a incumbência, de fazer criar e instalar convenientemente a Faculdade de Medicina, e providenciar junto ao Ministério de Educação e Cultura, o funcionamento da referida faculdade.

Nesta oportunidade, li a resolução e conclui: Está criada a Faculdade de Medicina de Natal. Toda a assistência, com todo o entusiasmo, provocou um aplauso ensurdecedor, de palmas, gritos e foi uma alegria muito grande.

NO CAMINHO HAVIA UMA “FERA”

Mas logo me fizeram um medo muito grande: A grande dificuldade é conseguir autorização para funcionar, porque o Diretor do Ensino Superior é

uma fera. É o Dr. Jurandir Lodi. É que naquele tempo, foram criadas diversas faculdades de baixa qualidade e isso desmoralizou certos cursos superiores no Brasil.

Dr. Jurandir Lodi era um homem forte, honesto, muito bem intencionado, sobretudo um grande patriota. Um homem a quem o ensino superior do Brasil tudo deveu, para que, esse sim, tomasse um vulto de maior importância e pudesse ressurgir dessa desmoralização do ensino superior. Então, procurei o professor Jurandir Lodi, dizendo para ele: Professor sei que o senhor é um homem muito exigente, é um homem que está trabalhando para moralização do ensino superior no Brasil.

Em primeiro lugar, eu quero louvar este seu propósito e estou aqui para fazer uma consulta: é que eu quero criar uma Faculdade de Medicina no Rio grande do Norte, mas sei que uma Faculdade de Medicina é preciso que fique bem instalada e que seja fundada em bases morais, em princípios rígidos de boa formação. Eu estou pronto para fazer uma faculdade que possa efetivamente servir de ponto de partida para a formação de profissionais capazes.

O Rio Grande do Norte, como todo o Nordeste, é uma zona sofredora. Então, nessa oportunidade, eu tive que escrever para o professor Lodi, qual era o nosso drama. Aquele povo do Sul não conhece o Nordeste, o nosso drama, sobretudo, o que ocorria com os jovens que queriam estudar, queriam uma profissão. Então, essa gente tinha que se deslocar para o Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, porque não havia escolas superiores. Eles tinham que procurar fora, era um verdadeiro êxodo de valores, de jovens, da massa inteligente da região. E esses jovens ficavam nesses grandes centros atraídos pelo seu desenvolvimento.

Então, eu queira contribuir para corrigirmos essa grande falha de educação nacional.

Professor Lodi, eu gostaria que o Sr. tivesse uma oportunidade de ver o que é o Nordeste, sobretudo o Rio Grande do Norte, os seus sertões, porque a cidade mesmo não dá uma amostragem daquilo que nós somos. Quando chega o período das secas, o drama das populações sofredoras, sem água, sem comida, sem trabalho, nus.

Quando terminei o meu discurso demagógico, disse: mas, apesar de tudo, só quero engajar-me numa tarefa desta, se contar com a sua ajuda, com a sua compreensão. O Sr. pode me ajudar? Ele esperou um pouco e disse: O Senhor está disposto a ter dor de cabeça? Eu respondi: Desde que o Sr. me dê aspirina. Dê-me aspirina, que estou disposto a ter dor de cabeça. Ele falou: então eu vou ajudá-lo. E ajudou mesmo!

Aquele homem, severo, sério, que era muito difícil rir. Este homem passou a me ajudar. E passou a ser meu amigo, ajudou-me a criar a Faculdade de Medicina. Dentro de um prazo mínimo estava todo o processo preparado, não somente pelas minhas mãos, mas ele destacou, dois outros funcionários, para que me ajudassem efetivamente na preparação de tudo quanto fosse necessário para se submeter ao Conselho Nacional do Ensino, como era chamado naquele tempo, para a autorização do funcionamento da Faculdade de Medicina.

Cada passo, eu perguntava ao professor Lodi: como é que devo proceder? E ele já dava a orientação que era necessária para a apreciação do Conselho Nacional de Ensino.

Isso foi feito, preparado, trabalhando de noite e de dia. Tive que contar com a cooperação, com a boa vontade, com o entusiasmo, com o idealismo, de outros colegas, de funcionários, de pessoas que não tinham ligação com o ensino, ou com o meio médico naquela oportunidade, naquele momento. Mas o processo foi todo preparado assim exaustivamente.

Quando foi no dia 10 de dezembro de 1955, num tempo recorde de poucos meses, a Faculdade de Medicina foi inaugurada no teatro Carlos Gomes, naquele tempo, numa solenidade, com a presença de grande número de médicos, de professores da Faculdade de Medicina do Recife, do Diretor desta Faculdade, de professores da Bahia e foi uma solenidade de grande projeção aqui no nosso meio social.

A Faculdade começou a funcionar logo no ano seguinte, em 1956. Passamos a fazer aquelas fases iniciais, exame vestibular, preparar as cadeiras básicas, fazer todo o esforço possível para que a Faculdade de medicina nascesse com as melhores perspectivas.

Professor Itamar: Dr. Onofre, como era que o Sr. mantinha financeiramente a Faculdade, antes de ser reconhecida pelo Ministério? Antes de ser Federalizada?

Prof. Onofre Lopes da Silva: A Faculdade de Medicina foi criada e para ser mantida pela Sociedade de Assistência, em que eu era presidente. A Sociedade de Assistência Hospitalar e da Maternidade. Nós não tínhamos grandes recursos, mas as rendas que nós tínhamos de pensionistas do hospital, pensionistas da maternidade e também do Hospital. Havia lá um pavilhão, como ainda hoje há, com o segundo andar, contando com apartamentos. Eram seis apartamentos que serviam de hotel, porque em Natal, nós não

tínhamos hotel, e esses apartamentos foram feitos pelo Dr. Januário Cicco e ele os chamava de apartamentos de luxo, mas não tinha nada de luxo. Mas afinal de contas, era a melhor hospedagem que existia em Natal. E isso dava uma pequena renda. O Estado ajudava com uma subvenção. Era uma subvenção muito pequena.

A cooperação do Estado passou a ter uma certa dificuldade, porque aquela luta política se refletira também sobre a Maternidade e o Hospital. Não pagavam as subvenções e isso nos trazia sérias dificuldades. Mas afinal de contas, a faculdade ia se mantendo com a boa vontade dos professores que trabalhavam gratuitamente.

Sentimos logo a dificuldade de espaço. Então, foi preciso se fazer um esforço muito grande para construir o prédio da Faculdade de Medicina. Então, passei a pedir justamente a quem tinha uma posição econômica melhor, àqueles considerados ricos. A minha forma de pedir era das mais convencionais. Não ia pedir com certa humildade; ao contrário, com uma certa exigência. Eu dizia: Você está rico às custas dessa terra, do seu comércio honesto, mas afinal de contas, sua riqueza nasceu aqui do povo, nasceu das nossas populações e essas populações estão crescendo, e precisamos criar condições de ela crescer com dignidade. Nós precisamos ter uma faculdade de Medicina, e precisamos de espaço. Você está rico, você vai me dar duas toneladas de ferro, ou você me dar cinquenta sacos de cimento. Quero dizer que nessa peregrinação de pedidos, encontrei a maior receptividade. Apenas encontrei um sujeito que me negou uma geladeira e somente este sujeito me negou. Era um estrangeiro que tinha ficado muito rico aqui na terra. Fiquei intrigado com ele, aliás, foi a única intriga que consegui naquele tempo e até hoje, foi esse sujeito que me negou a geladeira e eu disse uns desaforos para ele.

A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE

Professor Itamar: Dr. Onofre, como é que surgiu a idéia da criação da Universidade?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Como tive oportunidade de dizer, o professor, Jurandir Lodi, muito nos ajudou. Nos ajudou com aulas, com entusiasmo, com idealismo. E isso naturalmente era motivo do nosso reconhecimento. E em 1958, a Faculdade de Medicina estava passando para o seu terceiro ano de funcionamento. Eu convidei o professor Lodi para dar a aula inaugural.

Era uma oportunidade de trazê-lo aqui ao Rio Grande do Norte e prestamos as homenagens que merecia. Ele veio acompanhado com o seu assessor. Em conversa com esse assessor, ele me disse: Dr. Onofre, a Faculdade de Medicina é uma das bases mais fortes para a Universidade. Por que o Sr. não faz a Universidade? Porque tendo a Universidade é tudo mais fácil para o Ministério, porque é um conjunto de unidades, visando uma elevação do ensino para um nível superior. A coisa é diferente. Eu achei que a idéia era válida e, imediatamente, telefonei para os diretores das outras faculdades. Convidei para uma reunião naquele mesmo dia, na secretaria do hospital, e todos lá estavam presentes. Eu, em companhia desse assessor do professor Lodi, disse que o assessor me tinha sugerido a criação da Universidade e eu estava muito entusiasmado com a idéia, mas era preciso saber qual o ponto de vista dos outros diretores. Disse logo o seguinte: Que para a criação de uma universidade em termos federais, achava muito difícil porque até para autorizar o funcionamento de uma faculdade particular havia uma grande dificuldade. Agora, para o Governo criar uma Universidade com todos os seus empregos, era uma coisa muito difícil. E eu propunha que se fizesse uma Universidade Estadual, porque era muito mais viável, embora, posteriormente, fosse se lutar para sua federalização.

Todos concordaram com esse ponto de vista, mas logo o Prof. Paulo de Viveiros, que era o diretor da Faculdade de Direito disse o seguinte: Ta tudo bem. Mas o que ocorre é o seguinte: é saber se o Estado está de acordo em criar essa universidade estadual. Imediatamente respondi: É claro, e por isso mesmo, eu os convido, para que façamos uma visita ao Governador do estado (que era nesse tempo o Sr. Dinarte Mariz) para expormos o assunto e pedir que ele assuma a responsabilidade de criar a Universidade do Rio Grande do Norte. E isso ocorreu. Fomos no mesmo dia ao Governador e ele disse que estava de acordo, e pediu para que tomasse todas as providências inclusive preparar o expediente para mandar para a Assembléia Legislativa. E tudo isto foi feito. A mensagem à Assembléia foi feita pelo Sr. Moacir Duarte, que era Chefe de gabinete do Governador Dinarte Mariz. Isto aqui no Estado ocorreu facilmente.

A Universidade Estadual foi instalada no dia 21 de março de 1959. É possível que minha memória falhe na citação destas datas, mas me parece que estão corretas. [Confere]. Então, vem as providências: Criação do Conselho Universitário, Criação dos órgãos essenciais ao funcionamento da Universidade, Conselho Curador, etc. Então a Universidade começou a funcionar, assim resultando de um aglomerado das escolas existentes. A Universidade

era constituída da Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia/Odontologia, Escola de Serviço Social, e nessa oportunidade também foi criada a Escola de Engenharia simultaneamente com a criação da Universidade. E então, foi esta a constelação de unidades que contribuiu para a nossa Universidade inicialmente.

A FEDERALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE

Professor Itamar: Dr. Onofre, o que motivou o Sr. a buscar a Federalização dessa Universidade Estadual?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Aqui no Nordeste, todos sabemos que vivemos lutando com toda espécie de dificuldade e uma dificuldade para a Universidade, era uma coisa esperada. Efetivamente, vivíamos lutando contra a falta de recursos para equipamentos, para materiais didáticos de toda natureza e, sobretudo, uma coisa que nos preocupava: melhorar os recursos humanos, preparar o professorado, mandar gente para fora fazer pós-graduação, criar um nível melhor para a nossa Universidade. Esta era a minha preocupação.

Então, víamos apenas um caminho: a federalização da Universidade. Mas, vimos também, que esse era um caminho muito estreito, cheio de espinhos e pedregoso.

No mês de maio de 1959, estava programada uma reunião dos Bispos [em Natal e o Presidente da República, Juscelino Kubistchek de Oliveira, viria a Natal]; ele tinha que passar obrigatoriamente por [uma das portas da Escola de Serviço Social] nessa ocasião, assegurava Otto [Guerra]; apesar de ser um homem ponderado, muito seguro nas suas coisas, concordou em ficarmos na porta da Escola de Serviço Social. A presença do Presidente despertou a curiosidade da população que se aglomerara na frente da Escola de Serviço Social para ver o Presidente passar. Estávamos, eu e Otto [Guerra] na porta de saída.

Quando o Presidente aproximou-se com suas passadas muito largas, eu avancei: Presidente, eu sou o reitor da Universidade e aqui está o Dr. Otto Guerra que é Vice-Reitor. Então, eu fiz uma molecagem: aponte para o Presidente dizendo que aquela multidão que estava ali (e fiz um sinal), é a universidade que está presente, são professores, estudantes e funcionários, todos estavam ali pedindo a Federalização da Universidade. Disse-lhe das dificuldades que enfrentamos aqui. Falei sobre o êxodo dos nossos jovens

para estudar noutros centros universitários, etc.... Usei, na ocasião, a palavra desenvolvimento muito cara a JK.

Então eu disse: Nós queremos cooperar com o desenvolvimento do país. E Vossa Excelência sabe, que um país, que uma região, não pode se desenvolver sem a valorização da inteligência.

Estamos aqui pedindo que Vossa Excelência nos dê a Federalização da Universidade. Então, dei o relatório para ele e ele falou; não, não quero o relatório, e falou: Quantas unidades têm federalizadas? Respondi: nenhuma. Aqui são todas unidades particulares. Apenas, a Faculdade de Direito e a Faculdade de Farmácia-Odontologia que são do Estado. As outras são todas mantidas pelos nossos professores. Ele disse: então está certo: eu vou federalizar a Universidade. Naquela hora, quase me dá um troço e sai, satisfeito e alegre. Então, falei: Presidente ocorre o seguinte: eu sou reitor da Universidade, mas não tenho nenhuma vocação para ser Reitor, eu só tenho vocação para ser um cobrador. Quero que vossa Excelência me permita que eu cobre isso que o Sr. está prometendo aqui em público. E ele falou: pode cobrar. Cobrei e ele deu cumprimento a sua promessa. Foi uma guerra, para conseguirmos a federalização! Fora do aqui, apenas, o primeiro passo. A tramitação no Ministério, na Câmara dos Deputados e de todas as comissões de constituição e justiça de orçamento, etc.... Lutávamos contra o tempo, porque vinha para a Presidência da Republica, Jânio Quadros, que era um imprevisível. Não sabia se ele ia ou não concordar com essa Federalização. Então, tivemos que lutar. Eu tive oportunidade de ir para Brasília e ficar lá mais de um mês trabalhando noite e dia junto à Câmara dos Deputados, junto a suas comissões para que o processo andasse rapidamente, porque estávamos no fim do ano, no fim da Legislatura e significava também logo no dia 1º de janeiro, a posse do Sr. Jânio Quadros. Mas, afinal de contas, tudo isto foi vencido, tivemos que contar com a boa vontade de Deputados, de Senadores e de outras personalidades que efetivamente nos ajudaram extraordinariamente na Federalização da Universidade.

COMO SURTIU O CRUTAC

Professor Itamar: Dr. Onofre, como surgiu a idéia de CRUTAC?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Certa vez, eu estava na Reitoria, isto em 1965, quando me foi anunciada a presença de uma senhora. Ela era a presidente de uma entidade mantenedora da Maternidade Santa Cruz [RN]. Então,

ela me expôs o seu drama: A Maternidade fechada há seis anos, contando com equipamento, espaço bastante para funcionar e atender à necessidade da mulher-mãe da região. Mas, estava fechada porque não tinha médico e queria que a Universidade assumisse a responsabilidade de trazer alguns funcionários da Universidade, mandando médicos para lá, e fazer com que seus leitos, a sua sala de parto funcionassem. Respondi a esta moça que a universidade não podia assumir esta responsabilidade de uma maternidade no interior, e que nós já tínhamos aqui, na sede da Universidade, a nossa maternidade e que dava perfeitamente para ser o campo de prática dos nossos estudantes que não tinham necessidade daquilo. Então, essa moça me descreveu o drama das populações do interior, da mulher que morria por falta de uma assistência médica durante o seu trabalho de parto. Criança morria também pela falta de assistência médica. E então, eu repeti que conhecia o drama, e que aquilo não era uma coisa das nossas finalidades. E a moça começou a chorar, um choro discreto, mas eu via suas lágrimas. Então lhe disse o seguinte: eu vou estudar o problema e vou ver o que é possível fazer. Isso aqui é apenas para um consolo, porque não estava esperando nenhuma solução. Entretanto, eu passei a pensar no problema e verifiquei que podia mandar para lá os estudantes do último ano médico, que estavam fazendo estágio de obstetrícia. Fosse estudante com a supervisão de um professor assistente, uma pessoa responsável, para que desse assistência, a melhor que tivesse, em trabalho de parto. Mas, eu fiquei pensando: E a criança? A criança naturalmente, é também cuidada por esses mesmos estudantes, esses mesmos doutorandos supervisionados assim por um elemento do corpo docente. Aí eu me lembrei: mas os meninos maiores de bucho bem grande, cheio de vermes, e essas crianças? Fiquei pensando: esses meninos podem naturalmente ser atendidos numa seção de ambulatório. Vamos dar assistência a esses meninos também, e esses adultos e ao que for preciso. Verifiquei depois que outros doutorando – Serviço Social, Direito, Engenharia, etc.... – poderiam integrar este programa juntos às comunidades do interior.

Em agosto de 1966 foi inaugurado o CRUTAC no Município de Santa Cruz, como sede, porque sendo um trabalho de tal magnitude, não devia ficar somente num Município. Então foram escolhidos 12 municípios, formando uma área, em que Santa Cruz, ficava mais ou menos equidistante de todos esses municípios.

A Escola de Serviço Social desenvolveu um papel muito importante mobilizando toda a população no sentido de ser criado um grupo integrado,

não somente de pessoal da Universidade, mas de instituições particulares, da igreja, tudo formando um grupo integrado, unido para um devido fim e visando o estudo dos problemas locais e a solução para esses problemas. E isto foi o que se chamou CRUTAC - Centro Universitário de Treinamento e Ação Comunitária. Eu estava ainda lutando para adotar uma sigla e não chegava nunca a uma conclusão, quando uma manhã, me veio à Reitoria, Maria das Dores Costa, uma professora de alto padrão, uma moça muito inteligente, capaz, idealista e entusiasta do programa, quando ela me disse: Lembrei-me de uma sigla, não sei se o Sr. vai gostar: CRUTAC. Então, eu falei: está adotada, está ótimo, é uma coisa sonora, faz uma palavra, é fácil de memorizar e então está muito bom.

O CRUTAC sensibilizou muito as autoridades educacionais e administrativas do Ministério e do país. Certa vez, veio aqui o Ministro Jarbas Passarinho, que resolveu ver “in loco” a experiência do CRUTAC em Santa Cruz. Voltou convencido de que se tratava de um programa de mais alta importância e que devia ser adotado pelo Ministério. Efetivamente, ele deu todo o apoio. Por isso o CRUTAC passou a ser Programa Prioritário do Ministério da Educação e Cultura. Criou-se a Comissão Incentivadora do CRUTAC (CINCRUTAC). Inicialmente, as Universidades do Nordeste e depois as Universidades do país começaram a adotar o programa CRUTAC.

Quando deixei a universidade e a orientação do CRUTAC, havia 22 Programas CRUTAC funcionando no país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Atualmente o Itamarati está interessado em levar o programa CRUTAC para diversos países da África e da América Latina.

A MAIOR DIFICULDADE: GOVERNAR A MIM PRÓPRIO

Professor Itamar: Dr. Onofre, o Sr. foi Reitor durante mais de 12 anos. Poderia dizer rapidamente o que mais marcou a sua administração? Sei que não é fácil, porque é uma quantidade enorme de feitos, mas, em termos resumidos, o que o Sr. destacaria de mais importante?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Itamar, você diz bem: Mais de 12 anos de administração. Houve realmente uma soma muito elevada de problemas complexos, de ordem administrativa didática, de tudo aquilo que envolve uma Universidade.

Certa vez, na hora em que eu deixava a Universidade, um repórter me perguntou: Qual a coisa que eu tinha encontrado maior dificuldade na admi-

nistração da Universidade, durante mais de 12 anos? E eu disse: A maior dificuldade foi governar a mim próprio, diante dos problemas da condição humana, de certas situações, junto a professores, a funcionários e manter o equilíbrio pessoal. Eu trago isto mais ou menos comparando com aquela máxima filosófica chinesa: Para governar bem, é preciso primeiro governar a si próprio. “E foi o que aconteceu!” Se não governei bem, mas pelo menos, me preocupei em dar o melhor que podia para a Universidade, para os professores e para o funcionalismo.

Quanto a certas passagens, a certas coisas, incompreensões, considerei tudo isto como coisa da condição humana. Quero dizer que deixei a Universidade, sem mágoas, sem inimigos, sem maiores preocupações. As coisas correram dentro de um plano. Há algumas coisas que ninguém até na condição humana pode deixar de ver, de examinar, de analisar. Encontrei homens de todos os matizes: comportamentos dignos, elevados, censuráveis. Mas, como tive oportunidade de dizer, quando deixava a função de Reitor, esqueci de alguém que tinha feito qualquer maledicência, porque tudo que pode ter acontecido estava na faixa, na área da condição humana. Apenas me lembro das coisas agradáveis, das coisas construtivas, daquilo que representou um esforço para se fazer um grande edifício, tijolo por tijolo, alma por alma, nesse imenso edifício que é a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Universidade que criou os seus cursos e vem formando seus profissionais. A Universidade nasceu com o sentido de fazer o bem ao seu povo. Nasceu com esta bandeira, porque aquele hospital e aquela maternidade foram feitos para o povo e ali foi o berço da Universidade.

Professor Itamar: Dr. Onofre, o Sr. quer dizer algumas palavras para encerrar?

Prof. Onofre Lopes da Silva: Bem, quero agradecer essa oportunidade de conversar mais uma vez sobre os meus passos pela Universidade, que hoje é uma das coisas básicas do Rio Grande do Norte. Tenho dito e repito: a criação da Universidade foi a obra do século e eu creio nisto porque somente assim estamos em condições de valorizar a nossa mocidade e a nossa cultura.